



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## O RUÍDO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES COM MAIS DE VINTE ANOS DE MAGISTÉRIO

Murilo Cabral Gomes <sup>1</sup>  
Alan Camargo Silva <sup>2</sup>  
Sílvia Maria Agatti Lüdorf <sup>3</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Docente; Ruído Ocupacional; Envelhecimento.*

### INTRODUÇÃO

O ruído pode ser considerado um agente físico, e a exposição a ele pode gerar danos à saúde, muitas vezes, sendo caracterizado como o fator de maior prevalência das origens de doenças ocupacionais. Nesse contexto, muitos profissionais de diferentes campos de atuação convivem diariamente com inúmeros tipos do que é conhecido como “poluição sonora”.

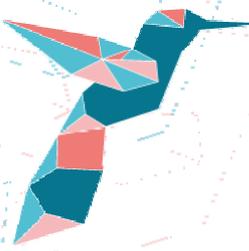
O professor de Educação Física escolar que possui a particularidade de lidar com as práticas corporais (LÜDORF, 2010, p. 126) pode se sentir vulnerável e desconfortável com o avançar da idade (SILVA e LÜDORF, 2010, p. 646), pois além do desgaste físico, a prática docente pode se desenvolver em ambientes ruidosos, com sobrecarga na audição e fonação. Contudo, a experiência docente pode trazer maior preparo para a função face aos níveis de ruído.

Objetiva-se, portanto, do ponto de vista de professores que possuem vinte ou mais anos de experiência no magistério, analisar em que medida o ruído em aulas de Educação Física Escolar influencia na prática cotidiana.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo qualitativo abrangeu como universo empírico os professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino da cidade do Rio de Janeiro. Foram selecionados professores que estivessem ativos na profissão. Os professores deveriam ter vinte ou mais anos de serviços prestados nas escolas, pois a presente investigação considera que o tempo de carreira pode influenciar na sua percepção do ruído.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 docentes, 7 homens e 5 mulheres na faixa etária entre 46 e 66 anos. O tratamento dos dados foi realizado a partir da



análise de conteúdo baseado em Turato (2011, p. 445) que privilegia os princípios da repetição e da relevância para elaboração de categorias de discussão.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o parecer número: 04/2009, processo número: 52/2008.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS ACHADOS

A preocupação do professor com o seu corpo, e em especial pela saúde auditiva, emerge quando aumenta o tempo e a experiência dedicados ao trabalho, ou mesmo quando avança o seu processo de envelhecimento:

*“Eu tirei o apito que era uma coisa que eu trabalhava muito, e nessa minha segunda matrícula fui obrigado a fazer o exame de ouvido, descobri que perdi oito por cento da audição, eu acredito que tenha sido por causa do barulho da criançada e também pelo uso do apito.” (Professor 6)*

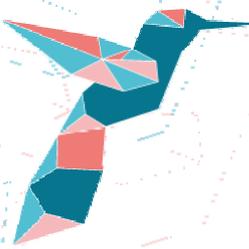
Esses achados indicam que o professor de Educação Física ao envelhecer salienta a necessidade de se cuidar e de se proteger durante o cotidiano laboral. Vivenciando anos de prática, os professores parecem dar um valor maior a informações relativas à exposição ao ruído, que pode gerar acidentes de trabalho, estresse agudo e lesões no ouvido interno.

Nota-se que os níveis de som têm sido raramente analisados ou medidos nas aulas de Educação Física no pátio ou na quadra, locais estes em que o professor passa exposto aos “barulhos” de todos os tipos durante anos. O estudo de Batista (2008, p. 70) detectou que tais agravos se estendem aos espaços onde ocorrem as aulas de Educação Física.

Por outro lado, se o tempo de carreira na prática docente pode ser considerado um fator de agravamento à saúde pelos intensos ruídos ocupacionais ao longo do tempo, o professor de Educação Física ao envelhecer também cria estratégias para evitar este tipo de incômodo:

*“Eu não uso apito hoje, comecei a trabalhar parecia um guarda de trânsito. Isso foi se transformando ao longo do caminho, procuro buscar a atenção deles pra uma fala, pra uma sinalização. Hoje tenho um apito que [...] procuro usar o menor tempo possível, até porque é mais um fator de ruído que nós mesmos estamos trazendo pra dentro da sala de aula.” Professor (11)*

Os dados sugerem que a prática pedagógica do professor de Educação Física pode ser alterada ao longo dos anos. Envelhecendo exposto a ruídos elevados, o professor se utiliza



dos saberes da experiência, fazendo uma revisão e uma reavaliação da sua própria prática profissional diária.

## CONCLUSÕES

Em linhas gerais, o professor mais experiente, ou com mais anos de trabalho no magistério, parece se proteger do ambiente em que está inserido e que a experiência o faz diminuir ou alterar certas atividades que possam desgastá-lo; como foi o caso do ruído ocupacional aqui analisado.

Este estudo pode estimular outras investigações sobre a pressão sonora no espaço escolar e, sobretudo com os professores de Educação Física que durante anos sofrem com ruídos elevados, estando vulneráveis a reduções da sensibilidade auditiva e problemas ligados ao estresse. Tais elementos influenciam e iluminam sobremaneira o mundo do trabalho em Educação Física escolar.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, P. H. *Trabalho & saúde dos professores de educação física nas escolas municipais do Rio de Janeiro: um estudo exploratório*. 2008. 97 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Rio de Janeiro, 2008.

LÜDORF, S. M. A. Formação de Professores de Educação Física: retratos de uma instituição. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, Cristalina, v. 2, n. 1, p. 126-136, jul. 2010.

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 21, n. 4, p.645-654, 4. trim. 2010.

TURATO, E. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

<sup>1</sup> Mestrando em Educação Física (EEFD/UFRJ). E-mail: murilocg@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ). E-mail: alan10@zipmail.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação (EEFD/UFRJ). E-mail: sagatti.rlk@terra.com.br